

## A AGROINDÚSTRIA DE CARNES DE AVES E SUÍNOS E A DINÂMICA DO CONSUMO PRODUTIVO EM CHAPECÓ/SC<sup>1</sup>

**Carla Hentz**

Universidade Estadual Paulista – UNESP  
Presidente Prudente, SP, Brasil  
[carla.hentz@gmail.com](mailto:carla.hentz@gmail.com)

**Rosangela Aparecida de Medeiros Hespagnol**

Universidade Estadual Paulista – UNESP  
Presidente Prudente, SP, Brasil  
[medeiroshespagnol@gmail.com](mailto:medeiroshespagnol@gmail.com)

### RESUMO

Com o aprofundamento da modernização e a crescente interdependência entre ciência, tecnologia e informação, a atividade agropecuária brasileira passou por profundas transformações, resultando em novos (re)arranjos produtivos e espaciais, tanto no campo quanto na cidade. O novo modelo de agricultura – regulado pela economia de mercado – fez com que surgissem cidades funcionais ao campo moderno, as quais passam a ter novas funções e a impor, a partir da difusão de padrões globalizados de produção e consumo, novas relações campo-cidade. Neste contexto, podemos exemplificar Chapecó/SC, que apresenta grande parte de suas atividades intrinsecamente associadas aos circuitos espaciais da produção de aves e suínos. Dessa forma, o objetivo do trabalho está centrado em analisar as especificidades que envolvem a trama produtiva da agroindústria de carnes – organizada a partir do sistema de integração – e sua relação com os componentes do consumo produtivo. Para compreender este processo, o caminho metodológico desta pesquisa considerou, basicamente, pesquisas bibliográfica e documental, sistematização de um banco de dados com informações de fontes primária e secundária e a realização de trabalhos de campo. Esse estudo revelou que as restrições ao processo produtivo impostas pelo sistema de integração, não limitam a ampliação e difusão do consumo produtivo.

**Palavras-chave:** Relações campo-cidade. Setor agroindustrial. Sistema de integração.

### THE AGROINDUSTRY OF POULTRY AND SWINE MEAT AND THE DYNAMICS OF PRODUCTIVE CONSUMPTION IN CHAPECÓ/SC

### ABSTRACT

With the deepening of modernization and the growing interdependence among science, technology and information, Brazilian agricultural activity has undergone profound transformations, resulting in new productive and spatial (re)arrangements, both in the countryside and in the city. The new agriculture model – regulated by the market economy – made functional cities appear in the modern countryside, which now have new functions and impose, from the diffusion of globalized patterns of production and consumption, new countryside-city relations. . In this context, we can exemplify Chapecó/SC, which has a large part of its activities associated with the spatial circuits of poultry and swine production. In this way, the objective this study is centered on analyzing the specificities that involve the productive fabric of the meat agroindustry - organized from the integration system - and its relationship with the components of productive consumption. In order to understand this process, the methodological path of this research basically considered bibliographic and documental research, systematization of a database with information from primary and secondary sources and the performance of field work. This study revealed that the restrictions on the production process imposed by the integration system do not limit the expansion and diffusion of productive consumption.

**Keywords:** Country-city relations. Agribusiness sector. Integration system.

<sup>1</sup> Este texto resulta de reflexões desenvolvidas pela autora em sua Tese de Doutorado intitulada “**Relações campo - cidade no Oeste catarinense: da agroindústria de carnes ao consumo produtivo**”.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o alto valor agregado pelas atividades intensivas desenvolvidas, como a fruticultura e a produção animal, tem colocado o estado catarinense entre os dez mais importantes na produção agropecuária brasileira. Santa Catarina é, atualmente (2021), o maior expoente da suinocultura brasileira e o segundo maior produtor de frangos, sendo responsável em termos suínos por 51,68% das exportações brasileiras e 30,73% dos abates; e em termos da avicultura, por 27,11% das exportações e 14,88% dos abates de frango (ABPA, 2021). A liderança do estado na produção de aves e suínos deve-se à presença das maiores agroindústrias do país na região Oeste catarinense (Figura 1), condição essa que leva o Brasil a ocupar o segundo e o quarto lugar, respectivamente, no cenário mundial de produção de proteína animal.

O desenvolvimento do setor agroindustrial presente na atualidade na região Oeste de Santa Catarina se efetiva, em um primeiro momento, a partir dos investimentos de capitais locais e com forte apoio estatal. Em um momento seguinte, a consolidação das agroindústrias se processa a partir da organização da produção com base no trabalho familiar e da implantação do denominado sistema de integração. O sistema de integração, segundo França (2000), consiste em um contrato normativo de parceria entre a empresa (integradora) e o pequeno produtor rural (integrado). A empresa se responsabiliza pelo fornecimento da matéria-prima (pintinhos e leitões), dos insumos e medicamentos, assistência técnica, logística de transporte, abate e comercialização da produção, enquanto o produtor (integrado) aporta as suas instalações e equipamentos (manutenção e alterações necessárias), os custos com água, lenha, gás, energia elétrica, cama (maravalha ou serragem), mão-de-obra, carregamento dos animais, eventuais despesas com telefone, combustível e Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), além da gestão ambiental da atividade, encarregando-se de atender todas as exigências impostas pela agroindústria. Ao final, o produtor integrado recebe uma remuneração que varia de acordo com os índices de eficiência atingidos no processo (conversão alimentar, mortalidade, tempo de engorda).

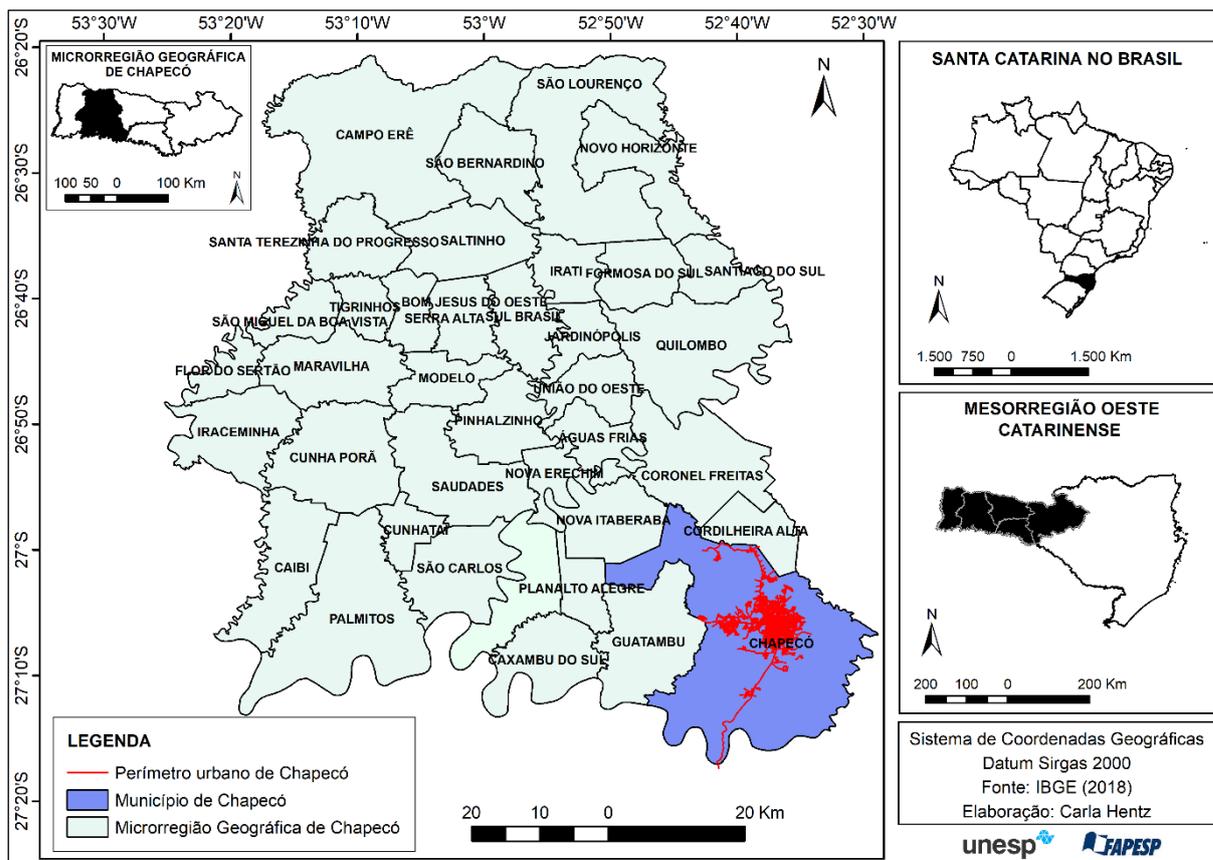
Os contratos de integração asseguram ao produtor integrado mercado para a produção, bem como toda a assistência técnica, o fornecimento de insumos e de medicamentos, os animais para engorda, o transporte etc., porém, impõe inúmeras restrições ao processo produtivo, tornando o produtor tecnicamente dependente em relação à agroindústria. Ao se integrar a agroindústria por meio do sistema de integração, o produtor fica limitado a atender às rígidas etapas impostas por um sistema de produção altamente regulatório, do qual possui pouca ou nenhuma autonomia frente a dependência técnica e econômica ao qual está sujeito. As agroindústrias, por sua vez, tendem a manter o domínio sobre a atividade agropecuária – aves e suínos – e garantem, por meio da integração, a coordenação técnica, o gerenciamento estratégico e a estrutura logística da produção.

As novas relações de produção instauradas a partir dos contratos de integração repercutem substancialmente no modo de produção familiar, sendo esse reorganizado a partir do uso intensivo de novos métodos, técnicas e insumos modernos, capazes de ampliar, simultaneamente, a produção e a produtividade e, conseqüentemente, a capacidade concorrencial das agroindústrias. A implementação do modelo integrado marcaria, assim, o início de um intenso processo de reestruturação produtiva da agroindústria, rompendo com a estrutura produtiva rural autossuficiente, transformando uma atividade de subsistência – criação de animais (aves e suínos) – na principal atividade produtiva do Oeste catarinense e, por conseguinte, na conformação do maior complexo agroindustrial do país.

O crescimento exponencial do setor cárneo (aves e suínos) tem sido sustentado através da produção integrada e a partir da incorporação dos avanços da pesquisa no desenvolvimento de novas tecnologias (genética, nutrição, sanidade e produção), capazes de proporcionar competitividade suficiente para concorrer nos mercados mundiais de proteína animal, seja pelo volume, pela qualidade ou pela eficiência na produção. Isto condicionou as agroindústrias do Oeste catarinense à alcançarem níveis de produtividade comparáveis aos obtidos nos principais países e blocos econômicos concorrentes, conferindo à atividade posição privilegiada nos mercados nacionais e internacionais, altamente competitivos e globalizados.

O município de Chapecó/SC, recorte territorial de estudo (Figura 1), dentro desse contexto, tem seu dinamismo econômico fortemente atrelado aos circuitos espaciais da produção de aves e suínos, dinamicidade essa capaz de impor e criar novos ajustes à estrutura espacial e produtiva da cidade, particularmente por meio do consumo produtivo para o campo. Conforme descrito por Santos (2009, p. 55), o consumo produtivo está “vinculado diretamente à produção (mão-de-obra, revendas de insumos e fertilizantes, transportes, pesquisas e inovações, comercialização e escoamento do produto)”, e se evidencia na expansão de uma rede intersetorial de serviços atrelados à funcionalidade de determinados setores econômicos.

Figura 1 - Microrregião Geográfica de Chapecó (SC): Localização do município de Chapecó, 2020.



Em áreas cujos nexos essenciais se devem à funcionalidade do campo moderno e/ou de setores econômicos, a perspectiva do consumo produtivo transparece na venda de insumos, sementes e grãos, herbicidas e fertilizantes, no comércio de implementos agrícolas, equipamentos agroindustriais, serviços bancários, assistência técnica, infraestrutura de transporte, de armazenagem, de comercialização, escritórios de *marketing*, entre tantos outros. As atividades dominantes estão de alguma forma associadas à dinâmica do agronegócio – analisado nesse trabalho a partir da cadeia produtiva de aves e suínos – a qual possui na localidade enorme potencial para dinamizar e incrementar o consumo produtivo inerente à agroindústria da carne.

Devido às características de seu desenvolvimento – intrinsecamente atrelado ao setor agroindustrial de carnes e, conseqüentemente, com o espaço rural de seu entorno, Chapecó, assim como propõe Elias (2007), pode ser considerada uma cidade do agronegócio, capaz de articular – desde a escala local até a global – os diferentes agentes envolvidos no circuito produtivo, de modo a conformar uma região que se enquadra na lógica do agronegócio globalizado. O desenvolvimento do capital agroindustrial se processa, desse modo, condizente com os interesses capitalistas e o atendimento às demandas do agronegócio passa a ser hegemônico sobre as demais funções da cidade.

A dinamicidade do complexo agroindustrial torna-se, assim, um elemento central na interrelação entre o campo e a cidade, onde se estabelecem inúmeras relações de forças, de interesses políticos e econômicos, que combinados a outros fatores, reforçam, sobremaneira, a hegemonia das redes agroindustriais. Essas relações se aprofundam, na medida em que o campo, ao incorporar mais intensamente as tecnologias da produção, passa a demandar da cidade, novas funções e, principalmente, a imprimir novas lógicas econômicas que se associam a funcionalidade dos setores agrícolas e agroindustriais, tornando muito mais intensas as relações entre ambos os espaços.

Diante da complexidade das particularidades que envolvem o processo produtivo do setor agroindustrial, parte-se do princípio de que na cidade de Chapecó, o consumo produtivo para o campo encontra limitações a sua expansão diante dos interesses do capital agroindustrial, tendo em vista que praticamente todas as etapas da produção da agroindústria são supridas e efetivadas por meio do

sistema de integração. Frente a hipótese levantada, o objetivo do trabalho está centrado em analisar as particularidades que envolvem a trama produtiva adotada pela agroindústria de carnes de aves e suínos e sua relação com os componentes do consumo produtivo na cidade de Chapecó/SC, representado pelos setores de comércio e serviços ligados à produção agroindustrial.

Para compreender as relações entre a cidade e o campo a partir do consumo produtivo, optamos por utilizar como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica e documental; sistematização de um banco de dados com informações de fontes primárias (obtidos por meio da aplicação de roteiro semiestruturado na forma de entrevista junto a 30 empresas/indústrias associadas às agroindústrias), e secundárias (levantamento realizado junto a Prefeitura Municipal de Chapecó, compreendendo os diferentes ramos de atividades e empresas com vínculos formais com o setor agroindustrial); e a realização de trabalhos de campo na cidade de Chapecó. Primeiramente, os dados das fontes secundárias foram classificados de acordo com os seguintes setores: de agropecuária; de embalagens; de consultoria, de transporte e de metalomecânico. Em seguida, esses dados foram agrupados de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), tornando possível quantificar o número de empresas, indústrias e demais ramos em que as atividades econômicas se associam, direta ou indiretamente ao setor agroindustrial. Essa etapa compreendeu a análise de 1.120 empresas/indústrias, sendo a categorização feita a partir da consulta no *site* da Receita Federal das informações contidas no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) de cada estabelecimento.

Para apresentar as análises realizadas nessa pesquisa, o presente artigo está estruturado em duas partes, além dessa introdução, das considerações finais e das referências. Na primeira parte, intitulada **“A expansão do agronegócio e a difusão do consumo produtivo”** analisamos as transformações que ocorreram no campo em função da modernização da agricultura e do processo de globalização, cujos reflexos culminaram em uma profunda reestruturação produtiva do território e, por conseguinte, em novas relações campo-cidade. Na segunda parte, intitulada **“O agronegócio de carnes de aves e suínos: dinâmicas do consumo produtivo”**, analisamos a perspectiva do consumo produtivo na cidade de Chapecó e os desdobramentos desse processo frente às implicações do sistema de integração a partir dos dados da pesquisa de campo.

### ***A expansão do agronegócio e a difusão do consumo produtivo***

Nas últimas décadas, o acelerado processo de globalização tem promovido profundas mudanças na economia mundial, no centro da qual desponta um incessante movimento de reestruturação, cujas transformações afetam, mesmo que indiretamente, todos os setores da ordem econômica mundial, caracterizando o que Chesnais (1996) descreve como “mundialização do capital”. A ambiência de tais transformações na escala mundial, sobretudo no contexto pós-1970, e seus rebatimentos na organização espacial do Brasil, promovem condições de ordem econômico-tecnológica e político-cultural para uma reestruturação produtiva também do setor agropecuário brasileiro, cujas mudanças já vinham ocorrendo desde a década de 1950, sendo aprofundadas nas décadas de 1970 e 1980 (SANTOS, 2016).

A globalização da economia propicia, desse modo, a chegada de uma nova ordem econômica, e o espaço, meio e produto da reestruturação produtiva (MOREIRA, 2006), reflete tais modificações, motivo pelo qual Gottdiener (1993) a considera como um “fenômeno socioespacial” – resultado de mudanças sociais e espaciais. Para Soja (1993, p. 193), a reestruturação enquanto movimento “[...] transmite a noção de uma ‘freada’, senão de uma ruptura nas tendências seculares, e de uma mudança em direção a uma nova ordem e uma configuração significativamente diferente da vida social, econômica e política [...]”. Afirma o autor que esse processo de renovação das forças do capital representa não somente uma nova maneira de organização das formas, mas também os novos conteúdos que compreendem essa (des)organização do espaço geográfico.

Soja considera ainda que “a reestruturação não é um processo mecânico ou automático, nem tampouco seus resultados e possibilidades potenciais são predeterminados” (p. 194). A reestruturação implica, deste modo, “[...] fluxo e transição, posturas ofensivas e defensivas, uma mescla complexa e irresoluta de continuidade e mudança” (SOJA, 1993, p. 194). Lencioni (1998), ao analisar a reestruturação como um movimento, destaca que as formas anteriores não se dissolvem nesse processo, pelo contrário, elas se modificam e são modificadas, estando subordinadas ao desenvolvimento de novas formas que reestruturam tanto a sociedade como o espaço. Vê-se assim que a ruptura e a conformação de uma nova ordem coexistem com os sistemas de acumulação preexistentes, não implicando a reestruturação, necessariamente, na supressão do passado.

Nesse contexto, as novas formas engendradas pelo capitalismo na escala mundial trazem consigo grandes transformações e a transição para um novo padrão de acumulação, denominado por Harvey (1992) de “acumulação flexível”, que entra em confronto direto com a rigidez do Fordismo. Tal como definida por Harvey, a “flexibilidade” tem como um de seus principais eixos as práticas de organização e gestão dos processos industriais, de comercialização e de trabalho. Essa nova etapa de acumulação de capital “caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional” (HARVEY, 1992, p. 140).

A “flexibilidade” torna-se, então, a expressão desse processo, em que a produção e o consumo tornam-se globalizados. Esse período, nitidamente marcado por uma profunda integração entre ciência, tecnologia e informação (SANTOS, 1996), produz mudanças que não se limitam apenas ao espaço rural, mas associam-se também a inúmeros outros processos, a exemplo da urbanização, da intensificação das relações campo-cidade, da produção do espaço urbano, da reestruturação da cidade, do aumento das desigualdades socioespaciais, bem como novas regionalizações (PEQUENO e ELIAS, 2015). Esse período, denominado por Santos (2005), de meio técnico-científico-informacional possibilitou

[...] aos agentes hegemônicos da economia mundial uma reestruturação organizacional de suas ações marcada pela: automação, terceirização dos serviços, dispersão geográfica das unidades produtivas (principalmente em direção aos países emergentes), inovação e diferenciação constante das mercadorias e dos mercados (investimento em P&D e criação de novos nichos de mercado). As mudanças promovem uma crescente especialização produtiva dos lugares, ampliando e modificando a divisão internacional do trabalho, o que gerou um aumento dos fluxos materiais e imateriais em todo o mundo (FREDERICO, 2008, p. 162).

Em razão das transformações propiciadas fundamentalmente pelo processo de tecnificação e cientificação do território (SANTOS, 2001), “o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições, onde todo e qualquer pedaço da superfície da Terra se torna funcional às necessidades, usos e apetites de Estados e empresas” (SANTOS, 2000, p. 79). Esse vigoroso conjunto de transformações na composição técnica do território se manifesta de modo desigual, “sobre as formas, funções e agentes sociais, alterando-os em maior ou menor grau e, no limite, substituindo-os totalmente” (CORRÊA, 1999a, p. 44). Esse desenvolvimento geograficamente desigual (SOJA, 1993), torna-se essencial à espacialidade capitalista, cuja fonte de lucros reforça a produção de diferenciações espaciais.

Em resposta a essas transformações, conjugam-se em território brasileiro profundas mudanças em sua composição técnica, com investimentos em infraestrutura, integração dos transportes e das comunicações, possibilitando dessa forma, uma maior conectividade e fluidez territorial (SANTOS, 1993), mudanças essas que vão possibilitar a generalização desse meio. O território brasileiro, até então desconexo e pouco articulado, passa a oferecer condições materiais para a difusão de atividades industriais e agrícolas altamente capitalistas, cujas transformações na estrutura produtiva se refletem na modernização dos processos de trabalho e produção, condicionando a especialização produtiva dos lugares e “acirrando a divisão social e territorial do trabalho e as trocas intersetoriais, resultando em diferentes arranjos produtivos em todo o país, tanto no campo como nas cidades” (ELIAS, 2005, p. 4475). Nesse contexto, o circuito do capital se refaz, e “a reestruturação espacial da sociedade dá especificidades aos lugares e desenrijece as divisões do trabalho há muito tempo estabelecidas” (SANTOS, 2010, p. 39).

De acordo com Sposito (2006), as perturbações que caracterizam essa fase da história se refletem na ampliação das relações econômicas, na alteração dos papéis de cidades de diferentes portes e níveis, em uma maior participação das cidades caracterizadas como médias na complexa divisão do trabalho e na redefinição das relações entre essas cidades na escala regional e nacional. Sendo assim, “cada centro, por minúsculo que seja, participa, ainda que não exclusivamente, de um ou mais círculos espaciais de produção” (CORRÊA, 1999b, p. 2), produzindo, distribuindo ou apenas consumindo bens, serviços e informação.

O período técnico-científico-informacional testemunha a emergência de novas formas de organização e usos do território, cuja ideologia do consumo, do crescimento econômico e do planejamento se tornam os grandes instrumentos políticos que remodelam os espaços. O mercado torna-se global, impondo novos conteúdos e comportamentos ao território, “graças as enormes possibilidades da produção e,

sobretudo, da circulação de insumos, dos produtos, do dinheiro, das ideias e informação, das ordens e dos homens” (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 53).

Em meio às sucessivas mudanças – sociais, políticas e econômicas no campo e na cidade – a agricultura vai sendo remodelada, tornando-se uma atividade intensa em capital, ciência, tecnologia e informação, denominada por Santos (2005) de “agricultura científica”. Diante das novas conjunturas, as formas de produzir e viver no campo modificam-se profundamente, e a agricultura passa a incorporar ao seu processo produtivo os principais padrões da produção e do consumo globalizados, adquirindo novas funções e, principalmente, oferecendo novas possibilidades para a acumulação ampliada do capital. O novo modelo de agricultura, exigente e competitivo, substitui suas bases técnicas e econômicas por inúmeras novas possibilidades de realização da mais-valia mundializada, através da fusão de capitais entre setores econômicos (ELIAS, 2003). Esse processo imprimiu complexas inovações às forças produtivas, no âmbito das quais,

[...] a agricultura passou a ser um empreendimento totalmente associado à racionalidade do período, apresentando as mesmas possibilidades das demais atividades para a aplicação de capital e para auferir alta lucratividade, e tornou-se mais competitiva, permitindo maior valorização dos capitais nela investidos, o que a aproximou dos demais setores econômicos. Nesse sentido, no período Técnico-Científico-Informacional um dos principais signos da modernização da agricultura é o fim do isolamento mantido pela atividade em relação aos demais setores econômicos, graças a uma crescente interdependência com o crescimento geral da economia, ocorrendo processo contínuo de fusão com capitais dos demais setores (ELIAS, 2003, p. 62).

A agricultura, paulatinamente industrializada, torna-se um ramo de aplicação de capital e, conseqüentemente, subordina-se a esse. O novo modelo técnico, econômico e social de desenvolvimento agrícola (ELIAS, 2003), crescentemente dependente de métodos científicos e técnicos, “deixou de ser uma esperança ao sabor das forças da natureza para se converter numa certeza sob o comando do capital” (GRAZIANO DA SILVA, 1981, p. 44), tornando possível ao homem subordinar, em parte, a própria natureza (ELIAS, 2003). Esse movimento de renovação do setor agrícola se intensifica, sobretudo a partir da década de 1960, com a modernização da agricultura brasileira, no qual o Estado<sup>2</sup> assume claramente o papel de indutor desse processo. Coube a esse intensa participação mediante ao incremento de políticas públicas direcionadas principalmente aos setores produtivos e de infraestrutura.

Com o advento de um novo paradigma tecnológico e produtivo, a agricultura científica passa a ser regulada pela economia de mercado e, sobretudo, pelas demandas urbanas e industriais. A agricultura, agora racionalizada sob o comando do capital, transforma-se em uma atividade associada ao circuito superior da economia (SANTOS, 1979), e seu desenvolvimento depende obrigatoriamente dos espaços urbanos. A rápida difusão da agricultura moderna ocasiona, assim, inúmeras metamorfoses na base produtiva do setor, expandindo significativamente a produção e a produtividade. As transformações nos aspectos da produção e do consumo foram tão substanciais que aportes técnicos de todas as espécies são criados para a sua realização. Multiplicam-se, assim, os espaços da produção e das trocas globalizadas, e as cidades, antes localizadas no campo, tornaram-se agora, cidades do campo (SANTOS, 1993). Isso quer dizer que,

A cidade torna-se o *locus* da regulação do que se faz no campo. É ela que assegura a nova cooperação imposta pela nova difusão do trabalho agrícola, porque obrigada a afeiçoar-se às exigências do campo, respondendo as suas demandas cada vez mais prementes e dando-lhe respostas cada vez mais imediatas. O campo se torna extremamente diferenciado pela multiplicidade de objetos geográficos que o formam, pelo fato de esses objetos geográficos terem um conteúdo informacional cada vez mais distinto (o que se impõe, porque o trabalho no campo é cada vez mais carregado de ciência) (SANTOS, 2013, p. 140).

A cidade tornou-se, desse modo, o centro de realização da produção agropecuária moderna. Para responder à contínua renovação das forças do capital e a velocidade na qual se processam, novas formas-conteúdo (SANTOS, 1979) são criadas em resposta às demandas da produção, possibilitando uma rápida e intensa proliferação de serviços com múltiplas especializações. Segundo Frederico (2008, p. 59), “este fato é o principal responsável pelo fenômeno da urbanização nessas áreas, pois é nas

<sup>2</sup> A participação do Estado neste processo ocorreu, sobretudo por meio da estratégia financeira, tendo o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) como principal agente propulsor.

idades que o consumo dos serviços acontece e é nelas também que a informação oriunda das diversas partes do globo é tratada e retransmitida”. Essas cidades, denominadas por Elias (2007) de “cidades do agronegócio”, se especializaram em atender as demandas dos setores agrícola e agroindustrial, de tal modo que a cidade se transformou

[...] no local da regulação da produção agropecuária moderna, seja pelo fato de seus produtos serem cada vez mais entregues aos mercados urbanos para serem processados e consumidos, seja porque a agropecuária moderna tem o poder de impor especializações territoriais (ELIAS, 2003, p. 191).

A intensa relação entre os setores agrícola e agroindustrial promove um incremento no processo de urbanização, devido, sobretudo, ao desenvolvimento de atividades agrícolas e agroindustriais, cuja produção e consumo se dão de forma globalizada (ELIAS, 2009). Isso explica, em parte, “a reestruturação do território e a organização de um novo sistema urbano, muito mais complexo, resultado da difusão da agricultura científica e do agronegócio globalizados, que têm poder de impor especializações produtivas ao território” (ELIAS, 2009, p. 89).

A partir da expansão e da reestruturação da agricultura moderna, cidades vão surgindo com o objetivo específico de atender às necessidades e exigências do campo moderno. Nessas cidades, segundo Elias (2003), as relações entre o campo e a cidade propiciam o desenvolvimento de inúmeras novas classes e gêneros de indústrias, notadamente as que fornecem insumos e bens de capital para a agricultura, como também das indústrias que processam os produtos agropecuários. Para Santos e Silveira (2001), essas cidades congregam pontos de interseção entre as horizontalidades e as verticalidades, pois oferecem meios para o consumo final das famílias e o consumo intermediário de empresas, tornando-se depositárias e produtoras de bens e de serviços por elas exigidos e por seu entorno. Assim, ao passo que o campo se moderniza, cada vez mais a dinâmica econômica das cidades se associa ao consumo, seja consumptivo ou produtivo (SANTOS, 1993). Dessa forma,

Entre as formas de consumo consumptivo, isto é, de consumo das famílias, podemos incluir o consumo de educação, de saúde, de lazer, de religião, de informação geral ou especializada e o consumo político, na forma de exercício da cidadania. Entre as formas de consumo produtivo encontram-se, entre outras, o consumo de ciência embutidas nas sementes, nos clones, nos fertilizantes etc., o consumo de consultorias e o consumo de dinheiro adiantado como crédito. As atividades urbanas estão ligadas a esses tipos de consumo, e é assim que as cidades cumprem o papel de responder às necessidades da vida de relações, que recentemente aumentaram quantitativamente e se diversificam qualitativamente (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 280).

Tais demandas de consumo geradas a partir do campo modernizado passam a demandar dos espaços urbanos um conjunto de atividades especializadas, associadas, principalmente, ao crescimento do consumo produtivo. Para Gomes (2007, p. 45), “tal crescimento justifica-se pois são exatamente os espaços urbanos que promovem a gestão dos espaços agrícolas e se tornam responsáveis pelas demandas crescentes de novos produtos e serviços, das mais diversas naturezas”, convertendo a cidade em um espaço onde novas demandas vão se manifestar e significar uma interdependência entre os diversos setores econômicos.

Nessas cidades, articulam-se agentes de diferentes circuitos da economia urbana, que passam a responder às exigências do campo modernizado com novos produtos, serviços, equipamentos e profissionais, revelando um complexo sistema de interações espaciais (CORRÊA, 1997), capaz de estender a sociabilidade urbana ao campo modernizado. Forma-se, dessa maneira, uma rede intersetorial de serviços e atividades industriais e comerciais especializadas vinculadas à produção agrícola e agroindustrial, responsáveis pela (re)organização do espaço agrícola e urbano. Essa proliferação de serviços se materializa, segundo Elias (2003), em indústrias do gênero químico, no setor de farmacêuticos e veterinários, no desenvolvimento de indústrias metalúrgicas e mecânicas, produzindo e/ou fornecendo os mais diversos tipos de equipamentos e máquinas para o setor.

Da mesma forma, expandem-se os polos de pesquisa e produção de alta tecnologia, as instituições públicas e privadas de pesquisa, as empresas ligadas à agricultura de precisão, empresas de consultorias, de assistência técnica, de transportes, empresas de *marketing*, escritórios de consultoria contábil e jurídica, os sistemas bancários para financiamento, custeio e comercialização da produção, empresas de informatização, bem como inúmeras empresas/indústrias ligadas ao processamento e industrialização das matérias-primas. Verifica-se, assim, que “o consumo produtivo rural não se adapta às cidades, mas, ao contrário, as adapta” (SANTOS, 2013, p. 139). A configuração territorial urbana

(SANTOS, 2001) tornou-se, desse modo, funcional ao campo moderno, evidenciando “que é na cidade que se realizam a regulação, a gestão e a normatização das transformações verificadas nos pontos luminosos do espaço agrícola” (ELIAS, 2007, p. 116). Por esta razão, verifica-se,

[...] uma larga metamorfose e o crescimento da economia urbana das cidades próximas às produções agrícolas modernas, paralelamente ao desenvolvimento de um novo patamar das relações entre a cidade e o campo que podem ser vislumbradas mediante os diferentes circuitos espaciais de produção e os círculos de cooperação estabelecidos entre os dois subespaços (ELIAS, 2003, p. 189).

Nesses territórios especializados – cujas funções e vínculos hegemônicos se associam às demandas do agronegócio globalizado – ocorre uma superposição dos efeitos do consumo consumptivo e produtivo, devido, principalmente, ao incremento dessas atividades ao circuito da economia urbana. Verifica-se, dessa maneira, que a organização territorial urbana se tornou funcional ao campo moderno, desenvolvendo-se uma ampla gama de novas relações, de diferentes tipos e complexidades, entre o espaço agrícola racionalizado e o urbano próximo. As transformações quantitativas e qualitativas nos fluxos entre o campo e a cidade se desenvolvem, segundo Elias e Pequeno (2010, p. 146), “atreladas às demandas produtivas de serviços e produtos especializados por parte das empresas relacionadas às redes agroindustriais”. Desse modo, “quanto maior a especialização produtiva do campo e seu respectivo conteúdo em ciência e informação, maior será a urbanização e a inter-relação entre o campo e a cidade” (FREDERICO, 2011, p. 8).

Como decorrência da modernização do campo e da conseqüente transformação das funções urbanas, novos fixos artificiais se sobrepõem à natureza, tornando o território mais rígido e rugoso (SANTOS, 1993). Nessas áreas de realização do agronegócio globalizado, “a modernização da atividade agrícola e agroindustrial, em especial, redefine o consumo do campo, que deixou de ser apenas consumptivo para se tornar cada vez mais produtivo, e criou demandas até então inexistentes” (ELIAS, 2007, p. 120, grifo da autora). Nesse novo paradigma das relações estabelecidas entre o campo e a cidade, profundas mudanças ocorreram não somente no âmbito da produção, mas também do consumo. A difusão de um novo modelo globalizado de produção no território exigiu que as formas-conteúdo das cidades fossem refuncionalizadas para atender às demandas dos agentes do capital, passando essas “a exercer novas funções e a compor importantes nós das redes agroindustriais [...] dinamizando a economia urbana e a reorganização urbano-regional” (ELIAS e PEQUENO, 2010, p. 147).

Chapecó, assim como inúmeras outras cidades do país, singulariza-se no contexto das áreas rurais do estado catarinense em razão do dinamismo apresentado pela agroindústria da carne – aves e suínos – conferindo ao município destaque em escala nacional. Sua dinâmica econômica se realiza, embora não exclusivamente, consubstanciada ao setor agroindustrial de carnes, responsável por dotar não somente o município de Chapecó, mas de forma mais ampla também a região Oeste, de uma dinâmica particular de produção, industrialização e comercialização. Chapecó exerce preponderantemente o papel de liderança regional, reforçando seus papéis e funções a partir das relações de trabalho e produção calcadas nas necessidades das agroindústrias. Para além do próprio agronegócio, sua centralidade regional se acentua devido ao grau de infraestrutura urbana presente na cidade e, principalmente, frente ao crescimento de outras atividades de apoio à produção agroindustrial; a exemplo das indústrias de metalmecânica, equipamentos para aviários e pocilgas, transportes, embalagens e, também, de inúmeros serviços que se especializaram em virtude das necessidades do setor agroindustrial.

Nessa perspectiva, analisaremos as influências do agronegócio da carne em Chapecó, a partir do consumo produtivo, tanto do ponto de vista dos serviços e bens que a cidade oferece para a produção agropecuária da região (consumo produtivo agrícola); como também do setor industrial (consumo produtivo industrial), altamente articulado com a atividade produtiva. A análise dos consumos produtivos – agrícola e industrial – faz-se necessária para que possamos compreender as especificidades que envolvem o processo de produção – criação de aves e suínos – fortemente instaurado por meio do sistema de integração e, assim, poder mensurar os desdobramentos dessa relação no que concerne ao desenvolvimento do nexo produtivo associado à agroindústria.

### ***O agronegócio de carnes de aves e suínos: dinâmicas do consumo produtivo***

Como evidenciado, as cidades do agronegócio (ELIAS, 2007) se caracterizam pela forte integração do agronegócio globalizado à economia urbana, onde o rural e o urbano se complementam dialeticamente,

sendo responsáveis por significativas mudanças não somente no âmbito da produção, mas também do consumo. Em razão da especialização produtiva – imposta pelo campo moderno – cria-se nessas cidades condições favoráveis para a dinamização do consumo produtivo, capaz de se impor hegemonicamente sobre as demais atividades e dinâmicas da produção. Como consequência surgem novos (re) arranjos produtivos e espaciais (ARRUDA, 2012), cujos nexos da produção se devem à funcionalidade de determinados setores econômicos.

Chapecó, conforme já mencionado, apresenta importância regional por meio da concentração e centralização econômica de serviços e comércio, especialmente os relacionados com a saúde especializada<sup>3</sup>, a educação superior e a oferta de bens e serviços voltados para o atendimento do setor agroindustrial de carnes (aves e suínos), não apenas de seu espaço imediato, mas também de sua hinterlândia regional. O setor agroindustrial de carnes constitui-se hoje na principal atividade econômica de Chapecó, e a modernização de seu processo produtivo demanda novos insumos e serviços, refletindo diretamente na cidade, que passa a responder com novos produtos, equipamentos, serviços e profissionais, criando formas de consumo geradas pela expansão do agronegócio da carne. Na medida em que se integram os processos produtivos à montante e à jusante<sup>4</sup> da produção de aves e suínos, criam-se novos setores produtivos responsáveis por atender às demandas da lógica produtiva prevalente, promovendo maior interação espacial entre campo e cidade. Para analisar a correlação entre o agronegócio e a difusão do consumo produtivo em Chapecó, algumas variáveis foram consideradas (Tabela 1).

Tabela 1 - Chapecó (SC): Tipos e quantidades de estabelecimentos comerciais e de serviços atrelados ao consumo produtivo agrícola e industrial.

<b>Tipo de estabelecimento</b>	<b>Quantidade</b>
<b>Consumo produtivo agrícola:</b>	
Estabelecimentos que revendem produtos para a agropecuária	53
Comércio de insumos e implementos agrícolas	67
Comércio de medicamentos veterinários	16
Unidades de armazenamento e estocagem	10
Empresas de consultoria/assessoria/assistência técnica	62
<b>Consumo produtivo industrial:</b>	
Empresas do ramo metalmeccânico, entre outras	135
Empresas de embalagens	27
Empresas de transporte rodoviário de carga	772
Instituições de Ensino Técnico	12
Instituições de Ensino Superior	10
<b>Total</b>	<b>1.164</b>

Fonte - Prefeitura Municipal de Chapecó (2017). Trabalhos de campo. HENTZ, C. (2017; 2019).

Verifica-se que as atividades vinculadas ao agronegócio são bastante significativas na cidade e representam parte importante da dinâmica urbana e das trocas realizadas entre a cidade e seu entorno agrícola. No que se refere aos estabelecimentos que revendem produtos para a agropecuária, foram contabilizadas 53 empresas. Esses estabelecimentos combinam a venda de ferragens e ferramentas; de insumos agropecuários; de medicamentos para uso veterinário; de alimentos e acessórios para animais; o comércio de produtos agrícolas (arroz, feijão, aveia, trigo, soja, milho etc.); de matérias-primas (látex, juta, xaxim, vime, rami etc.); de animais; de mudas (frutíferas, flores e horticultura); de artigos para pesca, caça, *camping* e jardinagem; serviços de *pet shop* entre outras mercadorias, equipamentos e acessórios.

<sup>3</sup> De acordo com os dados do DATASUS (2020), publicados no documento do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Chapecó em Números (2020), a cidade possui entre os diferentes tipos de atendimento, 785 estabelecimentos de saúde, em maior número aparecem os consultórios, com 581 unidades.

<sup>4</sup> No decorrer do trabalho os termos à montante e à jusante serão usados para analisar, exclusivamente, a produção de aves e suínos. Nesse sentido, o termo a “montante” é empregado para abranger todas as fases produtivas concernentes a produção da matéria-prima (aves e suínos), desde a criação dos animais até a entrega para a agroindústria; e o termo a “jusante” para designar todas as etapas que envolvem, desde o processamento e industrialização da matéria-prima até o cliente final.

Verificou-se que, embora em um número quantitativamente maior, os principais produtos comercializados por esses estabelecimentos atendem, sobretudo, a produção agropecuária e/ou consumo familiar em geral, excluindo-se a criação de aves e suínos, não se inserindo na lógica produtiva do agronegócio. Percebe-se, assim, que o papel de comando desempenhado pelas agroindústrias acaba por limitar a autonomia do produtor frente ao processo produtivo vinculado à criação de aves e suínos. As regras e normatizações estabelecidas entre produtor e empresa por meio dos contratos de integração vetam a compra de insumos e medicamentos para a produção, sendo esses integralmente fornecidos pela própria agroindústria integradora. Com raras exceções, quando autorizado o uso de medicamentos pelo técnico responsável, a compra é direcionada para as cooperativas filiadas aos grupos agroindustriais.

Embora não configure uma variável representativa do consumo produtivo agrícola, a análise dos estabelecimentos que revendem produtos para a agropecuária foi considerada não somente pela expressividade do setor, mas também por representar o consumo de uma ampla variedade de produtos e equipamentos cujas demandas são oriundas de outras atividades agropecuárias que se desenvolvem em paralelo e/ou de modo independente ao sistema de integração. Ou seja, representam uma parcela significativa do consumo – de produtos agropecuários – sem impor, no entanto, laços de dependência.

Outra variável analisada refere-se ao comércio de insumos e implementos agrícolas (Figura 2), sendo identificados 67 estabelecimentos, os quais conjugam a venda de equipamentos para avicultura e suinocultura; máquinas, aparelhos e equipamentos para uso agropecuário (peças e acessórios); máquinas e equipamentos para irrigação (peças e acessórios); serviços de manutenção e reparação de máquinas e equipamentos agrícolas; adubos, insumos, fertilizantes, defensivos agrícolas e corretivos do solo; herbicidas e fungicidas biológicos; comércio de ferragens e ferramentas, telas e arames; estruturas metálicas para silos; Inseminação artificial e *in vitro*; Linha de nutrição animal, Premix<sup>5</sup>, núcleos, entre outras atividades, serviços e produtos.

Observa-se, a partir dessa variável, o potencial que o consumo produtivo tem de dinamizar suas atividades quando não há interferência e/ou limitação por parte do sistema de integração. Dentre as inúmeras etapas que envolvem o processo produtivo da matéria-prima, a autonomia do produtor integrado se resume a um ponto, a compra dos equipamentos e implementos – para os aviários e pocilgas – necessários à produção. Podemos mensurar o quanto essas atividades e, mais precisamente, os estabelecimentos que revendem equipamentos e implementos para a produção se especializaram em função das lógicas locais dos agentes econômicos industriais do setor agroindustrial, concentrando suas forças produtivas em detrimento da racionalidade prevalente no campo modernizado.

No segmento de nutrição animal destaca-se a DSM (representante da marca Tortuga), a Nutract (empresa do Rio Grande do Sul que transferiu sua sede para Chapecó no ano de 2000), da Brasfeed Nutrição Animal (empresa brasileira), os representantes das marcas Connan (empresa brasileira), Supra (empresa brasileira) e Btech (administrada pela ADM, empresa Norte Americana). Com exceção do setor leiteiro<sup>6</sup>e/ou dos produtores independentes, o perfil de venda dessas empresas se caracteriza não pela venda direta ao produtor integrado, mas sim, associado às demandas de produção do setor agroindustrial – fabricação de rações – cujos desafios sanitários e pressão custo-benefício têm exigido constantes adaptações e, sobretudo, a modernização das etapas do processo produtivo.

De acordo com o relatório do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimentos (MAPA, 2018), 23 empresas do município de Chapecó possuem registro junto ao órgão para fabricação, fracionamento e importação de produtos para alimentação animal. O uso cada vez mais expressivo de tecnologias na nutrição animal tem impulsionado o desenvolvimento de um mercado especializado de produtos – atrelado às demandas do complexo agroindustrial – que é, em parte, suprido localmente por essas empresas. O processamento próprio dos grãos constituiu-se em uma das mais importantes etapas do processo de produção e garante ao setor agroindustrial o controle dos diversos elos da cadeia produtiva. Para maximizar os efeitos do custo-benefício na produção, inúmeros produtos são utilizados

<sup>5</sup> O Premix é uma pré-mistura por meio da qual são adicionados micro ingredientes (minerais e vitaminas) às rações (EMBRAPA, 2003).

<sup>6</sup>De acordo com os dados do IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal (PPM), no ano de 2019 o setor leiteiro do Oeste catarinense respondeu por 77,35% do total produzido e por 68,66% do rebanho de vacas no estado. Destaque para a Microrregião de Chapecó com 12.648 unidades e 696.618 litros produzidos.

na formulação das rações durante as diferentes fases de crescimento dos animais (aves e suínos), o que, por sua vez, fortalece o crescimento desse setor localmente. Dentre os principais produtos utilizados nas dietas estão os núcleos e suplementos minerais, os aditivos como enzimas, eubióticos, antimicrobianos, vitaminas, carotenoides e aminoácidos, a linha de Premixes, os produtos para o controle biológico, sanitário, entre outros.

A Cooperativa Central Aurora Alimentos conta com cinco fábricas de ração somente em Santa Catarina, com capacidade mensal de produção de 175.000 toneladas. No município de Chapecó encontra-se a unidade fabril do segmento de suínos; e no município de Cunha Porã/SC, a fábrica de rações para aves. A BRF possui cinco fábricas no estado, sendo uma unidade em Chapecó. As unidades de nutrição são responsáveis por abastecer todos os produtores do sistema integrado (aves, suínos e perus), exigindo um rigoroso controle dos processos ao longo de todo o ciclo produtivo.

Além dessas, estão inseridas nessa categoria as empresas especializadas na venda, manutenção e reparação de máquinas, aparelhos e equipamentos para uso agropecuário, em que as principais marcas do país possuem representação, a exemplo da John Deere, New Holland, Massey Ferguson, Case IH e a LS Tractor; e os estabelecimentos comerciais especializados na revenda de adubos, fertilizantes, sementes, herbicidas e pesticidas, entre outros insumos para a produção agrícola. A combinação de atividades agrícolas (lavouras) à integração (aves e suínos) é expressiva na região. O cultivo de milho e soja<sup>7</sup> – atrelado ao circuito produtivo agroindustrial<sup>8</sup> – acaba gerando demandas em função dos níveis de especialização que a atividade atinge, fazendo com que a economia urbana seja incrementada a partir do consumo produtivo a ela associado. Segundo Motter (2020), a área de abrangência dessas empresas de vendas de tratores e colheitadeiras ultrapassa o espaço rural imediato do município, gerando uma centralidade na escala regional.

Outro exemplo de atividade que cresce em função do incremento do agronegócio é o comércio de medicamentos veterinários, sendo 16 empresas contabilizadas (Figura 2). Encontram-se instaladas em Chapecó distribuidoras das marcas Ouro Fino (empresa brasileira), da Zoetis (empresa norte-americana), da MSD Saúde Animal (empresa norte-americana), da Vallée (empresa brasileira recentemente adquirida pela MSD Saúde Animal), da Bayer (empresa global com sede na Alemanha), da Bio-vet (empresa brasileira adquirida pela holandesa Vaxxinova), da Nutron (empresa pertencente ao Grupo Cargill), da Agener União (empresa brasileira), entre outras.

A produção em escala industrial de animais para abate (aves e suínos) tornou o uso de medicamentos veterinários recorrente na produção animal<sup>9</sup>. A elevada densidade de animais nos aviários e pocilgas gera condições propícias para o surgimento de doenças, cujo tratamento e/ou prevenção são ministrados aos animais, em sua grande maioria, por meio das rações ou adicionados a água. A expansão desse setor guarda estreita correlação com o agronegócio, visto ser esse o principal agente responsável pelo fornecimento dos insumos necessários a produção via sistema de integração. Ou seja, embora a compra de medicamentos não seja permitida diretamente ao produtor integrado, sua inserção na cadeia produtiva ocorre por meio do setor agroindustrial ou, em alguns casos, a partir das cooperativas filiadas ao complexo agroindustrial. De acordo com os dados coletados em campo, uma variedade ampla de medicamentos<sup>10</sup> é utilizada durante todas as fases da produção tanto das aves quanto dos suínos, sendo contabilizados 48 e 33 produtos, respectivamente.

Dessa forma, associadas à expansão do consumo produtivo inerente ao agronegócio, podemos encontrar em Chapecó 62 empresas de consultoria/assessoria/assistência técnica (Figura 2). O conjunto de atividades prestadas por essas empresas é bastante diversificado e engloba os serviços

<sup>7</sup> Segundo os dados do IBGE – Pesquisa Agrícola Municipal (PAM), a Mesorregião Oeste produziu no ano de 2019, 1.575.063 e 1.074.396 toneladas de milho e soja, respectivamente. O município de Chapecó respondeu por 30.450 e 36.300 toneladas, respectivamente.

<sup>8</sup> A alta demanda por esses cereais – amplamente utilizados na fabricação de rações – acaba gerando um *déficit* no abastecimento, sendo suprido, sobretudo, pela região Centro-Oeste do país, ou importados do Paraguai e Estados Unidos.

<sup>9</sup> Assim como o segmento de nutrição animal, o comércio de medicamentos veterinários tem parte de suas vendas atrelada ao setor leiteiro.

<sup>10</sup> Salienta-se que os dados se referem, apenas, à amostra dos entrevistados – 20 produtores – e não ao universo dos produtores rurais integrados nos municípios selecionados. Da mesma forma, o número de medicamentos contabilizados corresponde somente aos citados pelos produtores, não contemplando a totalidade dos fármacos utilizados na cadeia produtiva de aves e suínos.

de topografia, cartografia e geodésica; de agrimensura, levantamento de limites e georreferenciamento; agricultura de precisão; serviços de agronomia e veterinária; de extensão e assistência técnica e agropecuária; análises de solo; assessoria em projetos agrícolas e agropecuários; Estudos de Impacto Ambiental (EIA), Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) e licenciamento ambiental<sup>11</sup>, elaboração de projetos de tratamento de efluentes líquidos e resíduos sólidos<sup>12</sup>.

A oferta de consultorias especializadas é um importante vetor da produção moderna, haja vista que expressam o conhecimento que é produzido – na cidade e no campo – e difundido no campo. Essas atividades, de um modo geral, se processam em consecução ao agronegócio, sendo parte representante do consumo produtivo. Ressalta-se, no entanto, que embora expressivo o número de empresas, os serviços de consultoria/assessoria/assistência técnica não são apenas relativos ao agronegócio de carnes, mas atendem também a variadas atividades econômicas. As atividades de extensão, assistência técnica e agropecuária e os serviços de agronomia e veterinária direcionam-se, principalmente, para a produção de grãos e em atenção às demandas do setor leiteiro, visto que a assistência técnica aos produtores integrados é integralmente fornecida por meio do sistema de integração. Uma das maiores demandas do agronegócio atendidas pelas empresas desse setor envolve os procedimentos burocráticos exigidos para o licenciamento das atividades produtivas (aves e suínos); a elaboração de projetos para implantação das estruturas de produção (aviários e pocilgas); projetos de tratamento e manejo de dejetos e subprodutos animais; projetos de supressão e reposição florestal; assessoria/consultoria em projetos agrícolas e agropecuários; e o Cadastro Ambiental Rural (CAR).

Outra variável que reafirma a importância do setor agroindustrial para o município correlaciona-se com as unidades de armazenamento e estocagem (Figura 2). De acordo com os dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2020), o município de Chapecó possui 10 unidades de armazenagem (oito graneleiros e duas unidades convencionais). Embora em um número quantitativo menor de unidades se comparado a outros municípios da Mesorregião Oeste, Chapecó possui a maior capacidade estática de estocagem de grãos com 242.880 toneladas. Desse total, a Cooper Alfa – que atua como filiada à Aurora – possui a maior capacidade com 130.320 toneladas, seguidas da Brasil Foods (BRF) e da Aurora (62.670 e 47.160 toneladas, respectivamente). Apenas uma unidade com capacidade de 2.730 toneladas não pertence aos grupos agroindustriais citados.

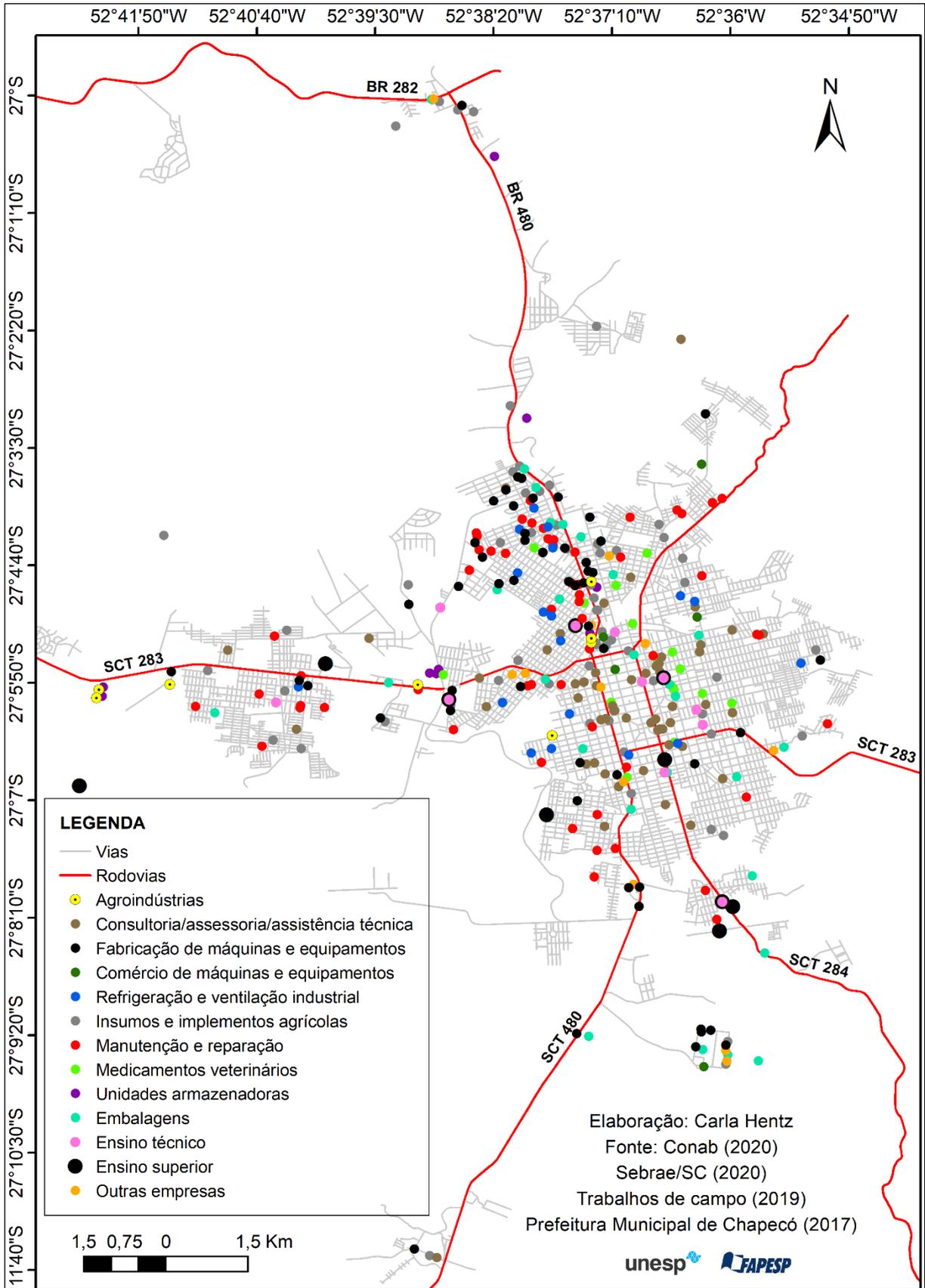
Segundo Frederico (2008), a capacidade de desenvolvimento dos sistemas técnicos de estocagem de grãos reafirma o papel dessas empresas como grandes agentes hegemônicos dos diversos circuitos produtivos. No caso da região em estudo, a capacidade de estocagem de grãos do setor agroindustrial é reforçada por meio das unidades coletoras instaladas junto às cooperativas filiadas ao agronegócio. Essas unidades coletoras possuem capacidade suficiente para coletar e beneficiar uma parcela significativa da produção regional, limitando a capacidade de estocagem a poucas empresas, assegurando a essas a compra em grande quantidade dos grãos, em muitos casos, a baixos preços. Esse sistema garante às agroindústrias o cadenciamento da circulação dos grãos e “seu controle restrito impõe ao processo produtivo um ordenamento funcional ao interesse dos agentes hegemônicos” (FREDERICO, 2008, p. 207).

O ramo da metalmecânica e as atividades industriais atreladas, direta ou indiretamente, ao complexo agroindustrial são também relevantes para observar a importância do consumo produtivo associado ao agronegócio. O estreitamento das relações entre a agropecuária e o setor industrial, segundo Elias (2013), é um reflexo condicionante da difusão do agronegócio, que impõe seus padrões de consumo, dinamizando o setor terciário e, conseqüentemente, a economia urbana. A expansão e modernização dos processos produtivos do setor cárneo fizeram com que uma miríade de novas atividades se desenvolvesse, formando uma rede composta por diferentes setores, serviços e atividades que atendem as indústrias do ramo alimentar de modo geral e, particularmente, o setor agroindustrial de aves e suínos.

<sup>11</sup> Os Estudos de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental são documentos exigidos para o licenciamento ambiental de empreendimentos e/ou atividades consideradas efetiva ou potencialmente poluidoras ou que possam causar degradação ambiental. Ambos são regulamentados pela Resolução CONAMA 001/1986 (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2021).

<sup>12</sup> A produção de animais em escala industrial gera enormes quantidades de dejetos e rejeitos que devem ser adequadamente coletados, armazenados e tratados.

Figura 2 - Chapecó (SC): distribuição espacial dos estabelecimentos associados ao consumo produtivo agrícola e industrial.



Entre as empresas, direta ou indiretamente associadas ao setor se estabelecem diferentes tipos de relações, a exemplo da subcontratação e/ou encomenda de peças específicas. Os estabelecimentos comerciais e de serviços relacionados à agroindústria evidenciam a importância do setor em Chapecó, não apenas em função do número de empresas e empregos gerados, mas também da linha de produtos e da tecnologia desenvolvida, exportando para diversos estados do Brasil e outros países. Por meio da CNAE, 139 estabelecimentos foram contabilizados e organizados segundo os diferentes ramos de atividades (Figura 2).

Em maior número (53) aparecem as empresas de manutenção e reparação de máquinas e equipamentos para as indústrias de alimentos, bebidas e fumo (CNAE 33.14-7-19); seguido das empresas de fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias de alimentos, bebidas e fumo com 51 estabelecimentos (CNAE 28.62-3-00); os estabelecimentos que fornecem manutenção e reparação de máquinas e aparelhos de refrigeração e ventilação para uso industrial e comercial totalizaram 18 empresas (CNAE 33.14-7-07); e o comércio atacadista de máquinas e equipamentos para uso industrial contabilizou cinco empresas (CNAE 46.63-0-00).

A rede de atividades ligadas às agroindústrias compreende uma numerosa quantidade de estabelecimentos que abrange empresas de fabricação de máquinas, equipamentos e utensílios; de instalação, manutenção e reparação de máquinas e equipamentos; de peças e acessórios para reposição; fabricação, instalação e manutenção de aparelhos de refrigeração e ventilação industrial; instalação e manutenção eletrônica, mecânica e industrial; montagem de estruturas industriais; fabricação de *containers*; máquinas de embalar, classificar, seladoras, rotuladoras e etiquetadoras; elevadores de carga, esteiras, empilhadeiras e pallets; plataformas de pesagem e balanças; serviços de automação industrial e solda; equipamentos para controle de produção; rótulos, etiquetas e tintas para impressão; serviços de perícia técnica em segurança do trabalho; e utensílios, equipamentos e produtos químicos para a higienização do setor de produção.

Ainda foram identificadas 12 empresas que atendem a agroindústria processadora de carnes fornecendo produtos para higienização de granjas, incubatórios e desinfecção industrial; Equipamentos de Proteção Individual (luvas, máscaras, toucas, propés, jalecos, protetores auditivos, protetores para cabeça, protetor visual, botas, calçados de proteção, roupas descartáveis, roupas de proteção térmica, uniformes, acessórios, entre outros); equipamentos contra incêndio; execução de projetos e alteração de *layout*, conserto, desenvolvimento e adaptação de peças, máquinas e equipamentos; sistemas de gerenciamento remoto de máquinas; desenvolvimento de softwares; montagem de fábricas de ração, moagem, pesagem e misturador; fabricação e instalação de equipamentos para dosagem de precisão; projetos para instalação de estações de tratamento de efluentes industriais e água; sistemas de reuso industrial; fornecedores de maravalha para cama de aviário, entre outros produtos e serviços.

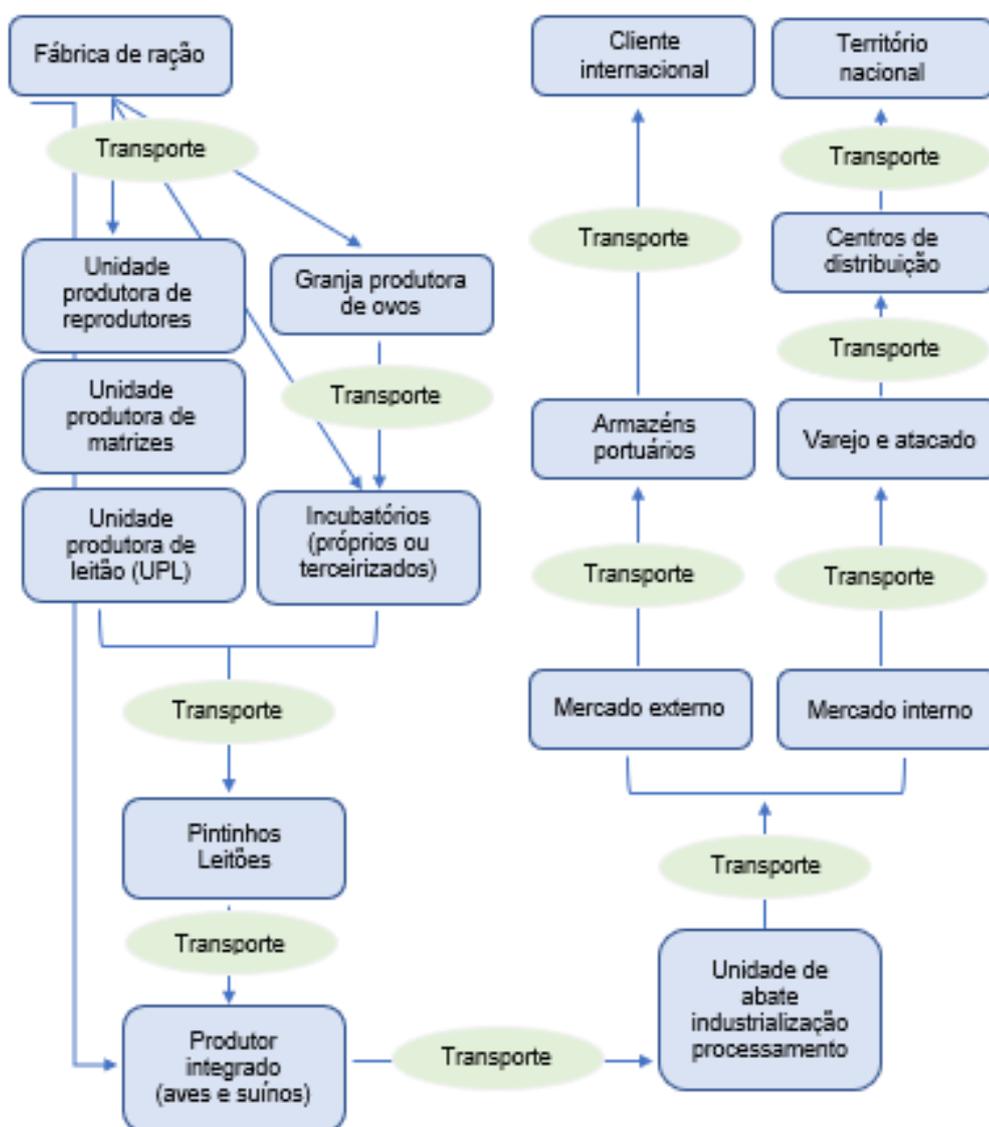
Há ainda, o desenvolvimento do setor de plásticos e embalagens que compreende 27 empresas em Chapecó (Figura 2), especializadas no fornecimento de uma linha completa de embalagens de papel, plástico, alumínio e vidro (de diferentes tamanhos e formas); embalagens impressas e personalizadas; etiquetas e rótulos autoadesivos; redes envoltórias; laços para amarração; lacres e selos; caixas de papelão, plástico e madeira; caixas para incubação; filmes plásticos para transporte entre outros materiais. As embalagens tornaram-se indispensáveis na industrialização da produção, embora não exclusivamente, a partir do momento que se incorporam novos hábitos alimentares. O consumo crescente de alimentos industrializados, enlatados, embutidos e congelados passou a exigir padrões diferenciados de acondicionamento e, sobretudo, maior praticidade dos produtos consumidos. Os novos comportamentos no consumo das mercadorias passam a demandar o uso em grande escala de embalagens, fator elementar para promover o desenvolvimento do consumo produtivo atrelado às demandas das agroindústrias. As embalagens tornaram-se indispensáveis na cadeia de consumo contemporâneo, pois, além da função de proteger e/ou identificar um produto, tornou-se um elo de comunicação entre produtor e consumidor.

Outro setor importantíssimo e bastante numeroso em Chapecó é o de transporte, armazenagem e correio sendo contabilizadas 965 empresas de acordo com as seções de atividades econômicas do CNAE. Desse total, 772 empresas correspondem ao transporte rodoviário de carga. A movimentação dos insumos e das matérias-primas entre os diferentes estágios na cadeia de produção representa uma parcela significativa dos custos e exige uma coordenação eficiente das etapas dentro da rede logística das empresas (Figura 3). No caso das agroindústrias em destaque (Aurora e BRF), o gerenciamento logístico é realizado a partir de contratos com empresas terceirizadas e compreende/envolve inúmeras

etapas à montante e à jusante da produção de aves e suínos, nas qual diferentes tipos de operação de transporte são efetuados:

O transporte à montante da produção de aves e suínos inclui: transporte dos insumos: insumos para a produção de rações; transporte agropecuário: rações a granel, ovos, pintinhos, leitões, reprodutores, matrizes e animais para abate; transporte de ovos: ovos das granjas para incubatórios (próprios ou terceirizados); transporte de pintinhos: dos incubatórios para os integrados/produtores; transporte de leitões: entre os integrados/produtores: do Sistema Produtor de Leitão (SPL), Unidade Produtor Desmamado (UPD), Sistema Vertical de Creche (SVC) e Sistema Vertical Terminador (SVT); Transporte de reprodutores: das granjas para os integrados/produtores; Transporte de matrizes: das granjas para os integrados/produtores do Sistema Produtor de Ovos (SPO). O transporte à jusante da produção de aves e suínos inclui: transporte primário: matérias-primas, produtos congelados, resfriados e carga seca; transporte container: produtos congelados, resfriados ou carga seca; transferência-frigorificado: produtos congelados e resfriados; transferência secos: produtos secos; distribuição: produtos congelados, resfriados e carga seca dos Centros de Distribuição (CDs) para os clientes.

Figura 3 - Logística de transportes do setor agroindustrial.



Fonte - HENTZ, C. Trabalhos de campo (2018; 2019).

A terceirização dos transportes desonera as empresas – Aurora e BRF – dos elevados custos de aquisição de frota própria, repassando para o provedor, além dos custos fixos (IPVA, licenciamento, seguros), as tarefas de manutenção, limpeza, segurança do trabalho e os encargos trabalhistas, gerando menor custo e maior rentabilidade para as agroindústrias. Ballou (2006) destaca que a eficiência dos sistemas de transporte contribui para intensificar a competitividade no mercado, pois gera um aumento nas economias de escala na produção e, principalmente, reduz os preços dos produtos em geral. Nesse sentido, é que as empresas têm tomado decisões estratégicas, principalmente em relação a localização das unidades de produção, das plantas industriais, das fábricas de ração e armazéns, pois estão inteiramente associados aos custos logísticos e, conseqüentemente, ao valor final do produto. A coordenação dos fluxos de insumos e matérias-primas entre as etapas da produção e distribuição dos produtos promove, desse modo, maior interação entre os segmentos industriais e o agronegócio. O setor de transportes configura-se, assim, em um vetor importante que reflete a capacidade que o agronegócio tem em potencializar e dinamizar a entrada de novos agentes econômicos.

Outra variável importante de ser analisada refere-se à oferta de Ensino Superior e Técnico (público e privado), voltados às necessidades apresentadas pela produção agropecuária moderna. Conforme destacam Elias e Pequeno (2010), em contraposição ao trabalho braçal, o trabalho intelectual ganha destaque na nova ordem econômica mundial, transformando a estrutura de emprego e profissões em uma parte integrante do consumo produtivo associado ao agronegócio. A crescente necessidade de informação e qualificação da mão de obra torna-se, assim, um importante vetor de proliferação dos serviços de ensino voltados à capacitação para as cadeias produtivas da agroindústria em Chapecó e de toda sua região. De acordo com os dados do SEBRAE (2020), são 10 as instituições de Ensino Superior na cidade, sendo ofertados 95 cursos de graduação.

Para Frederico (2008), os cursos relacionados ao agronegócio podem estar diretamente voltados a operacionalização da “parcela técnica” da produção ou direcionados para a sua administração. No caso de Chapecó, estão incluídos na primeira categoria, os cursos de Agronomia, Medicina Veterinária, Zootecnia, Engenharia Ambiental e Sanitária e Agrimensura. Na segunda categoria estão incluídos os cursos responsáveis pela gestão da produção, sendo: Administração, Alimentos e Manutenção Industrial, Engenharia de Controle e Automação, Engenharia de Produção, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Engenharia de Alimentos e Gestão de Recursos Humanos e Processos Gerenciais. Somado aos cursos de graduação verifica-se também a proliferação de cursos técnicos voltados para as demandas das empresas agroindustriais de Chapecó, totalizando 12 instituições e 112 cursos, dentre os quais destacamos: Técnico em Logística, Técnico em Transporte Rodoviário, Técnico em Comércio, Técnico em Administração, Técnico em Eletromecânica, Técnico em Automação industrial, Técnico em desenvolvimento de sistemas, Técnico em controle ambiental, Técnico em meio Ambiente, Técnico em Alimentos e Técnico em Segurança do Trabalho.

Os serviços associados à educação, segundo Alba (2013), tiveram um peso importante na efetivação do saber, sendo incorporado pelas agroindústrias, posteriormente. Merece destaque, nesse contexto, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), instalado desde o ano de 1974 no município e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC, instalado em 1978), oferecendo cursos técnicos para os diversos setores da indústria, do comércio e dos serviços. Dentre as instituições privadas de Ensino Superior, a Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), fundada no ano de 1971, oferece 40 cursos de graduação presencial, 11 cursos de Ensino a Distância (EaD), sete programas de pós-graduação *Stricto sensu* e 139 cursos *Lato sensu*. Em relação às instituições públicas de ensino, destacamos a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), cujo *campus* sede está instalado em Chapecó desde o ano de 2010. Apesar de recente sua instalação já conta com nove cursos de pós-graduação *Stricto sensu*, oito cursos de especialização e 13 cursos de graduação.

Convém lembrar também que é significativa a participação de instituições que atuam exclusivamente na modalidade de Ensino a Distância. Ainda nesse contexto, destacamos o trabalho desenvolvido pela Unidade Regional da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI) – vinculada ao governo do estado. Fundada no ano de 1991, a unidade regional desenvolve inúmeras pesquisas, especialmente nas áreas de produção animal, melhoramento genético de milho e feijão, piscicultura e fruticultura, prestando, também, importante serviço de assessoria tecnológica à agropecuária.

Por fim, outro indicador escolhido para demonstrar a funcionalidade da cidade à dinâmica econômica das agroindústrias é a realização de eventos e feiras vinculados à agroindústria e à agropecuária. A cidade conta com duas estruturas para a realização de eventos nesse ramo: o Parque Tancredo de Almeida Neves e o Centro de Eventos Plínio Arlindo de Nes. O primeiro, construído no ano de 1967, conta com uma estrutura ampla de ambientes cobertos e ao ar livre, bem como arenas para shows, rodeios e praças de alimentação. Quanto ao segundo, sua inauguração ocorreu no ano de 2008 e complementa as atividades do Parque, principalmente, no que se refere a eventos fechados (espetáculos, palestras e cursos). A estrutura do centro tem capacidade para 6.000 pessoas. Ambos são administrados pela Prefeitura Municipal de Chapecó.

Dentre os principais eventos realizados na cidade, destaca-se a Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Chapecó (EFAPI), que se destaca pela difusão de tecnologias e conhecimento, sendo considerada uma das maiores feiras multissetoriais do país. A Feira Internacional de Negócios, Processamento e Industrialização da Carne (MERCAGRO), é considerada a maior feira do setor da América Latina e se direciona, especificamente, para o setor agroindustrial de carnes (aves, suínos e bovinos). A Feira e Congresso de Tecnologia para a Indústria (ELETROMETALMECÂNICA), que embora não seja ligada diretamente ao setor agroindustrial, promove a divulgação das inovações para os diversos setores, apresentando para o público os avanços na automação, na robótica, na indústria 4.0, e o lançamento em máquinas e equipamentos. Além do Simpósio Brasil Sul de Avicultura que tem por objetivo promover a competitividade e o desenvolvimento sustentável da avicultura no Brasil por meio da divulgação da informação, produção e difusão do conhecimento.

Fundamentais para promover o intercâmbio tecnológico entre o campo e a cidade, o turismo de eventos e negócios reforça, desse modo, a funcionalidade da cidade que se articula, embora não exclusivamente, em consonância com as especificidades do setor agroindustrial. Neste sentido, Motter (2020) reforça que estes eventos atraem para a cidade um grande fluxo de pessoas, fazendo com que inúmeras outras atividades sejam incrementadas, como os serviços hoteleiros, de alimentação e recreação; bem como as atividades comerciais, reforçando a centralidade da cidade em uma região especializada no agronegócio da carne. A diversificação dos serviços e dos bens de consumo ofertados pela cidade denota a articulação dos agentes econômicos em função de demandas específicas, promovendo o desenvolvimento de toda uma série de atividades complementares e de apoio ao sistema produtivo local. A especialização das funções urbanas fez com que Chapecó polarizasse diretamente as demais cidades de sua região, principalmente, em função da modernização do setor agroindustrial.

A conjunção dessas variáveis configura a existência de uma área industrial estreitamente ligada a base agropecuária da região e refuta, desse modo, a hipótese inicial levantada na pesquisa, a de que o consumo produtivo inerente à agroindústria de carnes (aves e suínos) não encontra na localidade potencial para dinamizar as atividades, demonstrando que a funcionalidade da agroindústria é frágil diante das imposições do sistema de integração. Verifica-se, no entanto, que as restrições impostas por meio do sistema de integração não são capazes de limitar a expansão das atividades associadas ao nexo de produção do setor agroindustrial, tornando-se esse apenas um elo do consumo produtivo entre produtor integrado e agroindústria.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscamos expor, ao longo deste trabalho, de que modo a agroindústria processadora de carnes (aves e suínos), configura-se num elemento central na interrelação entre o campo e a cidade e, principalmente, na compreensão das especificidades que envolvem o processo de produção e os desdobramentos desse na dinâmica do consumo produtivo. A modernização dos processos produtivos e a conseqüente expansão dos serviços essenciais à produção – da agroindústria – passam a demandar do urbano novas funções e a imprimir novas lógicas econômicas intimamente associadas a funcionalidade produtiva do capital agroindustrial.

Essas relações se desdobram sobre o espaço urbano da cidade de Chapecó, tornando a perspectiva do consumo produtivo evidente, e o sistema de integração, tomado inicialmente nesse trabalho, como premissa limitante da expansão dessas atividades, não possui na localidade capacidade para impor restrições ao desenvolvimento do comércio e dos serviços especializados. Embora a agroindústria concentre e coordene todas as etapas da produção de aves e suínos em termos dos agricultores, o modelo integrado não configura uma barreira à expansão das atividades associadas ao consumo

produtivo, demonstrando que a organização dos agentes econômicos se processa em conformidade com os interesses da agroindústria de carnes, extrapolando, em grande medida, o fornecimento de matéria-prima pelos agricultores.

A representatividade do consumo produtivo se materializa na cidade a partir da ramificação de uma rede intersetorial de serviços e estabelecimentos comerciais que se voltam para atender às exigências do setor agroindustrial que, ao aperfeiçoar seus processos produtivos – a montante e a jusante – impõe novas demandas que se sobrepõem as demais atividades produtivas. O agronegócio da carne tem mobilizado não somente o setor de comércio e serviços, mas também transformou a cidade no *locus* da produção agropecuária moderna, visto que comanda parte dos fluxos financeiros, informacionais, de pessoas e mercadorias e a industrialização da matéria-prima. Com isso, houve uma reestruturação do seu conteúdo urbano e uma intensificação da centralidade exercida pela cidade, que passa a polarizar as demais cidades de sua região, pois, o grau de infraestrutura urbana presente em Chapecó, quase sempre está ausente nos municípios de sua influência.

A constituição de uma área industrial ligada a base agropecuária da região torna evidente a capacidade que o consumo produtivo tem em dinamizar suas atividades a partir da agroindústria da carne. O sistema de integração, nesse contexto, embora regido por normas e imposições que limitam a autonomia relativa do produtor integrado frente ao processo produtivo, não congrega elementos suficientes para limitar o desenvolvimento do consumo produtivo na cidade. Verifica-se, entretanto, uma concentração dos serviços e atividades a partir do modelo produtivo – integração – o que gera uma sensação de invisibilidade e conduz à premissa de que a perspectiva do consumo produtivo é frágil diante do sistema imposto.

O sistema de produção integrado, assume, nesse sentido, a particularidade de se tornar um elo – de consumo – por meio do qual uma ampla variedade de produtos e serviços são fornecidos ao produtor integrado, sem interferir, contudo, na expansão desses setores. A “invisibilidade” desses agentes econômicos associados diretamente às etapas produtivas – matéria-prima – acaba sendo reforçada diante da hegemonia dos grupos agroindustriais, que detêm sob seu controle o comando dos processos de produção agropecuária. A expressividade dos setores – representativos do consumo produtivo agrícola – acaba sendo incorporada pelas agroindústrias e transparece por meio do sistema de integração. Ou seja, a dinamicidade do consumo produtivo acaba sendo “ofuscada”, dadas as particularidades do próprio agronegócio na região. Essas peculiaridades, no entanto, não se aplicam ao consumo produtivo industrial, capaz de ramificar na cidade uma gama de atividades que representam a especialização funcional de Chapecó ao agronegócio da carne de aves e suínos.

Essas interrelações entre os diferentes agentes econômicos envolvidos no processo representam parte importante da dinâmica urbana e das trocas realizadas entre a cidade e seu entorno agrícola. Chapecó, devido a presença de atividades cada vez mais funcionais à agropecuária moderna, impõe uma maior interação econômica entre o campo e a cidade, compondo, portanto, um exemplo de desenvolvimento urbano associado ao consumo produtivo, conferindo-lhe um caráter de “cidade do campo”. Vê-se, assim, que a reconfiguração da cidade carrega um expressivo componente da especialização produtiva, reflexo de uma economia que se desenvolve por e a partir da hegemonia do capital agroindustrial. Reiteramos, no entanto, que embora as análises realizadas proporcionem uma melhor leitura dos fenômenos investigados, não esgotam as possibilidades de interpretação do tema, pois visam, pelo contrário, abrir novos horizontes para pesquisas e debates sobre a temática.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro inscrito no processo número 2016/24877-7.

## REFERÊNCIAS

ALBA, R. S. **Espaço Urbano**: os agentes da produção em Chapecó. 2. ed. Chapecó: Argos, 2013.

ABPA - Associação Brasileira de Proteína Animal. **Relatório anual 2021**. Disponível em: [http://abpa-br.org/wp-content/uploads/2021/04/ABPA\\_Relatorio\\_Anual\\_2021\\_web.pdf](http://abpa-br.org/wp-content/uploads/2021/04/ABPA_Relatorio_Anual_2021_web.pdf). Acesso em: 18 de julho de 2021.

ARRUDA, Z. A. de. As cidades na região de expansão do agronegócio e as novas territorialidades. **Revista Territorium Terram**, São João del-Rei, v. 1, n. 1, p. 72-94. 2012.

- BALLOU, R. H. **Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos/Logística Empresarial**. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. Tradução: Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.
- CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. **Sistema de Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras**, 2020. Disponível em: <https://sisdep.conab.gov.br/consultaarmazemweb/>. Acesso em: 18 de jun. de 2020.
- CORRÊA, R. L. Interações espaciais. In: CASTRO, I. E. et al. (Org.) **Explorações geográficas: percursos do fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.
- \_\_\_\_\_. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1999a.
- \_\_\_\_\_. Globalização e reestruturação da Rede Urbana – uma nota sobre as pequenas cidades. (43-53). **Revista Território**, ano IV, nº 06, p. 43-53, 1999b.
- ELIAS, D. **Globalização e agricultura: A região de Ribeirão Preto – SP**. São Paulo/Denise Elias. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- \_\_\_\_\_. Reestruturação produtiva da agropecuária e novas dinâmicas territoriais: a cidade do campo. In: ENCONTRO DE GEOGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2005, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2005. p. 4475-4487.
- \_\_\_\_\_. Agricultura e produção de espaços urbanos não metropolitanos: Notas teórico-metodológicas. In: SPOSITO, M. E. B. (Coord.). **Cidades Médias: Espaços em transição**. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 113-138.
- \_\_\_\_\_. Reestruturação produtiva da agropecuária e urbanização dispersa no Brasil. In: SANFELIU, C. B.; SPOSITO, M. E. B. **Las Ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado** (editoras) – Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2009. p. 87-105.
- \_\_\_\_\_. Globalização, agricultura e urbanização no Brasil. **Acta Geográfica - Ed. Esp. Geografia Agrária**, Boa Vista, p. 13-32, 2013. <https://doi.org/10.5654/actageo2013.0003.0001>
- ELIAS, D.; PEQUENO, R. M. O novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais. In: SPOSITO, M. E. B.; ELIAS, D.; SOARES, B. R. (Coord.) **Agentes econômicos, reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. v.1. p. 101-283.
- EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Produção frangos de corte: nutrição e alimentação**, 2003. Disponível em: <http://gg.gg/oxnja/1>. Acesso em: 05 abr. 2021.
- FRANÇA, L. R. de. **A evolução da base técnica da avicultura de corte no Brasil: Transformações, determinantes e impactos**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento econômico). 131f. Minas Gerais: UFU. 2000.
- FREderico, S. As cidades do agronegócio na fronteira agrícola moderna brasileira. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 1, p. 5-23. 2011.
- \_\_\_\_\_. **O novo tempo do Cerrado: expansão dos fronts agrícolas e controle do sistema de armazenamento de grãos**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). 273f. . São Paulo: FFLCH/USP. 2008.
- GOMES, I. R. **Agricultura e urbanização: novas dinâmicas territoriais no nordeste brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Geografia). 200f. . Fortaleza: UFC. 2007.
- GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- GRAZIANO DA SILVA, J. **Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Pecuária Municipal**. Disponível em: <https://www.sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm/quadros/brasil/2019>. Acesso em: 17 set. 2020.

- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Agrícola Municipal**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria.html>. Acesso em: 17 set. 2020.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Bases Cartográficas – 2018**. Disponível em: <https://downloads.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 mar. 2020.
- LENCIONI, S. Reestruturação: uma noção fundamental para os estudos transformações e dinâmicas metropolitanas. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 6., 1998, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires, 1998. p. 1-10.
- MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Lista de estabelecimentos fabricantes, importadores e/ou fracionadores de produtos para alimentação animal registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Disponível em: [https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/insumos-agropecuarios/insumos-pecuarios/alimentacao-animal/arquivos-alimentacao-animal/copy\\_of\\_ListadeEstabelecimentosCPA21062018.pdf](https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/insumos-agropecuarios/insumos-pecuarios/alimentacao-animal/arquivos-alimentacao-animal/copy_of_ListadeEstabelecimentosCPA21062018.pdf). Acesso em: 22 abr. 2021.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Portal Nacional de Licenciamento Ambiental**, 2021. Disponível em: <https://pnla.mma.gov.br/>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** São Paulo: Contexto, 2006.
- MOTTER, C. **O agronegócio de carnes de aves e suínos e a especialização regional do oeste catarinense**. Tese (Doutorado em Geografia). 235f. . Uberlândia: UFU. 2020.
- PEQUENO, R.; ELIAS, D. (Re)estruturação urbana e desigualdades socioespaciais em região e cidade do agronegócio. **GEOgraphia**, Niterói, v. 17, n. 35, p. 10-39. 2015. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2015.1735.a13727>
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ. **Relatório CNPJ ativo de Chapecó**. Chapecó, 2017.
- SANTOS, C. D. dos. **Difusão do agronegócio e reestruturação urbano-regional no Oeste baiano**. Tese (Doutorado em Geografia). 448f. Fortaleza: UFC. 2016. <https://doi.org/10.9771/1984-5537geo.v12i1.15381>
- \_\_\_\_\_. **Difusão do consumo produtivo**: reflexos na economia urbana de Mossoró (RN). 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.
- SANTOS, M. **O espaço dividido**: Os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 1979.
- \_\_\_\_\_. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A Urbanização brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2013.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001
- SEBRAE/SC – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina. **Chapecó município em números**. NASCIMENTO, C. B. (Org.). Florianópolis: Sebrae/SC, 2020.
- SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

SPOSITO, M. E. B. O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo de cidades médias no mundo contemporâneo. **Cidades**, v. 3, n. 5, p. 143-157. 2006. <https://doi.org/10.36661/2448-1092.2006v3n5.12786>

UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/>. Acesso em: 10 de mar. de 2021.

UNOCHAPECÓ – Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/>. Acesso em: 10 mar. de 2021.

---

Recebido em: 20/10/2021

Aceito para publicação em: 17/05/2022